

JIBOIA

Em forma de animal, planta ou disfarçada de humano, a serpente se apresenta conforme a ocasião. Certa vez a chamaram Lilith, outras de coisa ruim. Muitas vezes a chamam em sonhos. O que se sabe é que ela nasce bem pequena e vai crescendo, crescendo até ficar forte e grande o suficiente para abraçar toda uma aldeia.

É comum encontrá-la na forma de planta protetora da casa, na energia da kundalini dos corpos femininos e até mesmo mentalmente em conversa com os Xapiri. A jiboia na menina mulher, a menina mulher na jiboia. São um só corpo; poder matriarcal que abraça, cuida, compartilha saberes e enxerga através do olho da alma.

A jiboia é livre e prefere o exílio a viver em submissão. Quando tentam calá-la é guerra; luz e sombra, vida e morte. Rasteja, trepa numa árvore, nada em um rio, se enrola, abocanha e digere osso por osso aquele que a ameaça. O seu abraço afaga, abafa, afoga.

Juntas, duas meninas mulheres são mais poderosas do que uma só. Quando estão em dupla as serpentes formam a imagem do DNA. Ela é a mãe da vida.

BANANEIRA

A bananeira tem um coração que fica suspenso no ar. Cada coração carrega um cacho, cada cacho muitas pencas, cada penca muitas bananas. Quando seu cacho é arrancado do pé, o coração vai junto. Na colheita um facão separa em dois o corpo; de um lado os pés, do outro cabeça coração.

Comem bananas e trançam folhas. Poucos são os que sabem preparar o coração, esse é um alimento de saberes matriarcais. Ferver, cozinhar e temperar. Aquele que o come precisa ser convidado, ter permissão. Depois da colheita é preciso honrá-la.

Dependendo da espécie e das condições, em poucos meses nasce outro coração. O ciclo se completa.